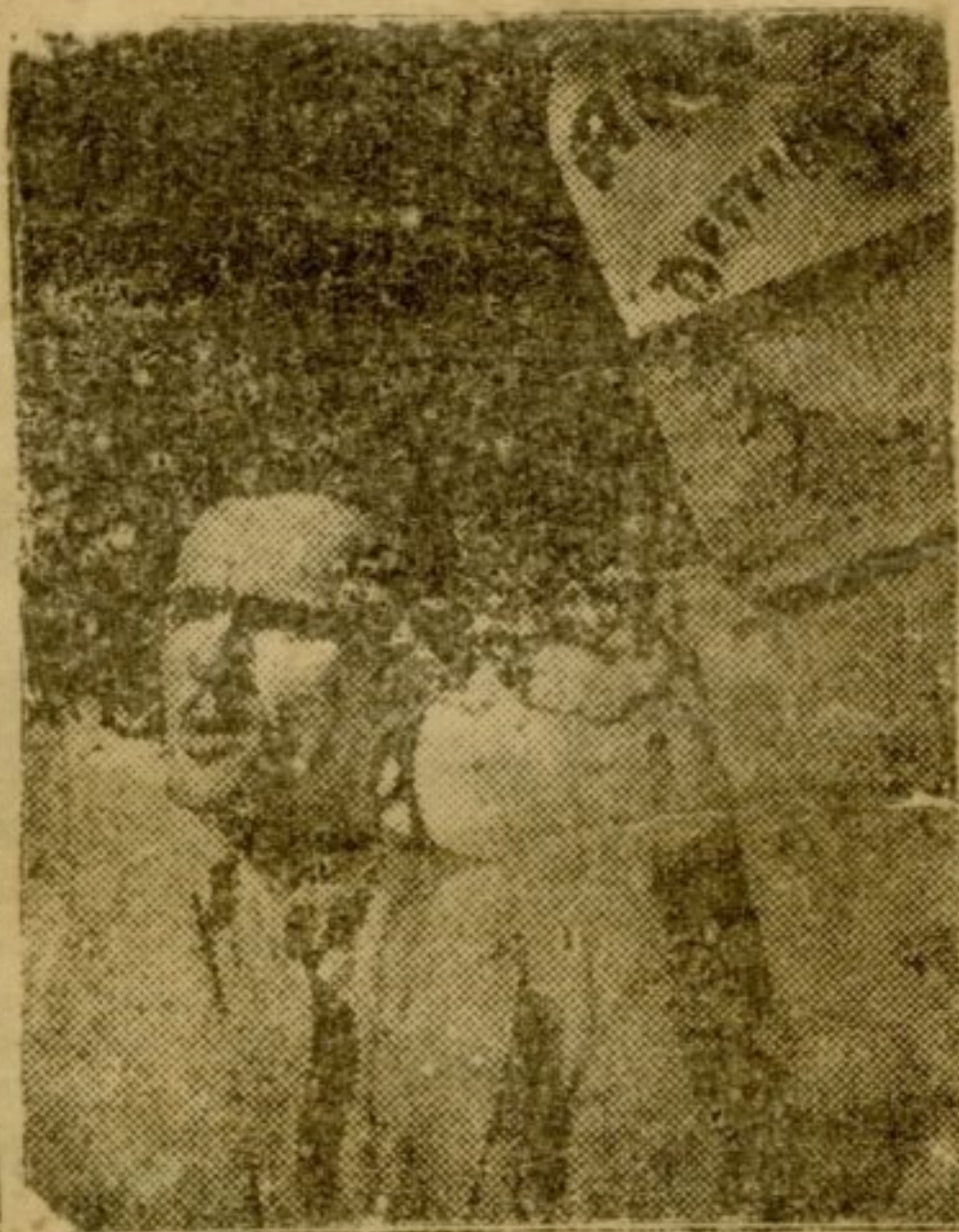


2005
A B C DA PRAÇA CAYRÚ



Autor: RODOLFO COELHO CAVALCANTE — \$1,00 - 2.^a Edição

ABC DA PRAÇA CAYRÚ

A

A praça Cayrú, leitores
É um mundo singular
Celeiro dos jornalistas
Onde podem retratar
As tradições da Bahia
Folclore da poesia
Onde tudo é popular

B

Branco e preto nesta praça
Se mistura em uma só cor
"Bazar Bagaço", fotografo,
Reclamista, trovador,
Artistas de toda especie
Em vê-los desaparece
Sua mais pungente dôr.

C

Chico propagandista
Com seu lindo "alto falante"
Armado no meio da Praça
Reune o povo num instante
Começa a fazer magia
Vende a mercadoria
No seu viver ambulante.

D

Doze horas, se o leitor
Na 'Praça Cayrú passar
Por favor feche os seus olhos
Se não quizer demorar
Do contrario fica vendo
O seu criado ali lendo
E fica sem almoçar.

E

Engraxates sorridentes
Com sua escova na mão
Grita pra um transeunte:
—“Quer limpar agora patrão”?
Passa o cavalheiro serio
Sem distinguir o misterio
Daquela interrogação.

F

Foi mesmo Claudío Tavares
Que disse, caro leitor,
Que a velha “Praça Cairú
É um mundo” sim senhor
Tem razão o jornalista
Mundo do propagandista
Dos cegos; do trovador.

G

Guarda Civil nesta praça
Olha todo movimento
Para evitar um atrito
Ou outro acontecimento
Ele o anjo da guarda
Que defende, que resguarda,
Que merece acatamento.

H

Homens, mulheres e malandros
Tipos de todas as cores
Forasteiros, viajantes;
Na Praça Cayrú, leitores
Se aglomeram de verdade
Naquela variedade
São nossos espectadores.

I

Instante, instante se ouve
O grito: "PEGA O LADRÃO"!
É o malandro no mercado
Que já deu alteração
O povo corre de vez
Pra olhar com nitidez
O autor da confusão.

J

Jovens sentados na praça
Passam o dia pode crer
Olhando pra o Elevador
Muitas vezes sem comer
Sem um "cruzeiro" no bolso
Coitado daquele moço...
O que é que vai fazer?

K

Kentinho! chegou agora!
Grita outro: mais que fosse!
De quem serão esses gritos?
—São os meninos do arroz doce
E nisto o **HOMEM DA COBRA**
Dá um grito: "Lá vai obra"
Já o povo aglomerou-se.

L

Lá no meio da praça está
O velho bronze altaneiro
Do Visconde de Cayrú
Que é da Praça o padroeiro
Ele tudo está ouvindo
Mas continua fingindo
Que não ouve o tal berreiro:

M

Motorneiros, condutores
E fiscais da Circular
Se aglomeram esperando
O bonde pra trabalhar
Grita o inspetor: Dezesseis
Responde o NOVENTA e SEIS
Posso ir no seu lugar!

N

Nozinho "Cego do Fole"
Tá tocando "Joazeiro"
Adiante "Benedito"
• Bem perto de um violeiro
Está tocando "Irmão do Samba"
E chega o neguinho bamba
"CARIOCA DO PANDEIRO".

O

O "Posto de Gazolina"
É muito movimentado
Os automoveis de Feira
E carros de todo Estado
Passam ali o dia inteiro
Esperando passageiro
Todo instante, um sai lotado.

P

Praça Cayru, meus leitores,
Descreveu Antonio Maria
É a sala da cidade
Da nossa velha Bahia
É como disse TAVARES
Onde os vultos populares
Se unem numa só família.

Q

Quiquilharias, folhetos,
Magicos e cantadores
Acrobatas, comem-vidros
Centenas de vendedores
Na mais completa alegria
Parecendo uma sinfonia
De Beethoven, meus leitores.

R

Rodolfo Coelho fica
Debaixo de um oitizeiro
Gritando: "GETULIO VARGAS"
"Juracy" e "Brigadeiro"
"Mangabeira" e "Adhemar",
"O mundo vai se acabar"
—Dois livros por um cruzeiro!

S

Sargento "peito de bronze"
Quando grita, meu leitor
O arvoredo estremece
Parece que o Elevador
Lacerda fica oscilando
Pedro Grosso trabalhando
É o tipo do Camelot.

T

Toalhas, Colchas de lã,
E panos para sofá
Vendem na Praça Cayrú
E o moço do Ganzá
De ano em ano aparece
E para quem bem conhece
Tem a Preta do Abará.

U

Um tipo também notável
É o LAMBE-LAMBE, leitor
São os fotografos da Praça
De manhã ao sol se pôr
Estão eles retratando
Ao povo fotografando
Na marcha do seu labor.

V—Vendedores de raízes
São também os mercadores
Da velha Praça Cayrú
Estende um pano, leitores
E vende pra toda gente
“Remedio” pra dor de dente
“Dor no corpo” e outras dores

X—Xora a velhinha contando
O tempo da escravidão
Pra distrair suas maguas
Contidas no coração
Vai ouvir o trovador
Que lê um livro, leitor
Sem lhe cobrar um “tostão”

Y—Yoyô também nos relata
Seu sofrimento sem par
É ele um adepto, leitor
Da Sereia Mãe do Mar
Todo ano vai a pé
A lagôa do ABAETÉ
O seu PRESENTE levar.

Z—Zé Povo diz ao “poeta”
Eu gosto “seu trovador”
Ouvir as suas historias
Pois elas têm um sabor
De consolar minhas maguas
Nisto vejo duas lagrimas
Rolarem á face, leitor. (FIM)

3908



FRANCISCO DAS CHAGAS OLIVEIRA —————
Um dos personagens da Praça Cayrú